



Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

MÚSICA “CULTURA, APRENDIZAGENS, LAZER, PRAZER” ARTE: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Hortência Carvalho¹
Renata Castelo Branco²
Fátima Lúcia Soares Ribeiro³

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e caracterizar a prática pedagógica de uma professora no seu trabalho com a linguagem musical. Utilizamos como aporte teórico o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RECNEI (1998), documento que propõe guiar e fundamentar a prática pedagógica na Educação infantil, bem como pesquisas na área de música, tais como Nogueira (2002), Barreto (2000), Weigel (1988) e Brito (2004), que discutem a integração do trabalho musical às outras áreas de conhecimento. O estudo foi realizado em uma turma do grupo III de uma instituição da rede municipal de ensino do Recife e consistiu de observações em sala de aula e entrevista com a professora. A partir das análises, podemos concluir que a docente, no seu trabalho com a linguagem musical, contempla as três vertentes propostas pelo RECNEI que são: a produção, reflexão e apreciação. Esse processo de musicalização na sala de aula é percebido através do planejamento das atividades cotidianas, dos projetos, enfim, na sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação Infantil. Linguagem Musical. Práticas de Sucesso

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. hortatt@hotmail.com

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. renata.cbmartins@gmail.com

³ Mestra em Psicologia cognitiva. Professora do DMTE\CE\UFPE. fatimalsribeiro@uol.com.br

1. Introdução

1.1 “Os sons que nos rodeiam”

Os estudos históricos permitem afirmar que a música foi a fonte de inspiração de grandes filósofos, que já a apontavam como o caminho para uma educação de qualidade, na qual seus valores colocariam a humanidade na trilha da sabedoria e da produção harmônica de conhecimentos (STAVRACAS, 2008).

A música é uma linguagem muito importante e está presente na vida e na cultura dos povos. Historicamente, tal linguagem proporcionou transformações, determinou condutas e construiu conceitos, servindo como forma de expressão da sensibilidade, da criatividade, dos valores éticos e estéticos. É uma forma de expressão que permite ao ser humano manifestar suas alegrias e tristezas, suas dúvidas e sentimentos, suas ideias e sensações. Ela pode ser encontrada no suave compasso das batidas do coração materno, nos sons que emanam da natureza ou, ainda, no movimento acelerado dos carros nas ruas.

No entanto, é perceptível, no âmbito escolar, a hegemonia de concepções pedagógicas tradicionais, nas quais a música quase sempre é reduzida à forma de canção, não se construindo um estudo de suas especificidades ou conteúdos próprios. A música, desse modo, acaba servindo, na maioria das vezes, como estratégia para a obtenção de padrões de comportamento, tais como lanchar, formar a fila, descansar (“musiquinhas de comando”) ou para a fixação de conteúdos de outras áreas (canções para conhecer as vogais, para aprender os numerais), desenvolvendo, assim, a questionável tentativa de uma alfabetização precoce.

Outra prática recorrente é a da utilização da música dentro de um rígido calendário das festividades: música para o Dia das Mães, para a Páscoa, para o Dia do Índio, num infinito rol de comemorações, quase nunca efetivamente significativas para a criança. E, com a responsabilidade de cumprir com esse extenso calendário, muitas vezes o educador deixa de explorar as possibilidades expressivas da música, deixando de proporcionar à criança um contato mais exploratório e prazeroso com a linguagem musical, cuidando apenas do resultado final a ser apresentado ao término dos ensaios frequentes e repetitivos.

Ou seja, a riqueza do processo de exploração e descoberta das delícias da música e do movimento é menosprezada em função de uma ênfase na apresentação, em um produto final

mecânico, estereotipado, quase sempre pouco expressivo (NOGUEIRA, 2002). Sobre esta questão o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RECNEI) diz que:

Um expoente a ser analisado dentro da linguagem musical é a falta de ações pedagógicas que atendam às reais necessidades do educando. Apesar de fazer parte do planejamento e ser considerada como fundamental na cultura da infância, a música tem atendido a propósitos alheios às suas reais especificações. Ela é tratada como um algo que já vem pronto, servindo como objeto de reprodução e formação de hábitos na rotina escolar, o que acaba por deixá-la em defasagem junto às demais áreas de conhecimento, quando poderia atender a um propósito interdisciplinar. (BRASIL, 1998, v. 3, p. 47).

Reconhecendo a grande defasagem existente na prática pedagógica referente a esta linguagem, o RECNEI se caracteriza por ser um documento que aponta caminhos para um fazer pedagógico no qual a música venha a ser entendida e trabalhada como uma linguagem nas salas de aula da Educação Infantil.

Deve ser considerado o aspecto da integração do trabalho musical às outras áreas, já que, por um lado, a música mantém contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados. É preciso cuidar, no entanto, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais.

Um levantamento prévio feito por Nogueira (2002), em publicações em português, na área da Educação Infantil, aponta para um quase total silêncio a respeito desta temática. Da mesma forma, nos encontros e congressos realizados no Brasil, trabalhos que envolvam a linguagem musical nas creches e pré-escolas são raros e, quando existentes, são pouco relevantes, isto é, não apresentam avanços significativos.

Nesse sentido, “esse tema tem permanecido marginal, limitando-se a esparsos relatos de experiências...” (NOGUEIRA, 2002, p.1) e estas, na maioria das vezes consideram os aspectos negativos da prática educativa com esta linguagem.

Diante do exposto, este projeto teve como objetivo geral: investigar boas práticas, no trabalho com a linguagem Musical na EI, tomando como base o que propõe o RECNEI; E os seguintes objetivos específicos: identificar as estratégias utilizadas pela professora na construção da linguagem musical com as crianças e caracterizar tal prática pedagógica.

2. Marco teórico

2.1 “Explorando o repertório”

Como foi citado na introdução, existe um corpo teórico que dá suporte ao trabalho com a linguagem musical na Educação Infantil. Nesse momento, iremos apresentar o que trazem os documentos oficiais sobre o trabalho com música e, num segundo momento, discutiremos as pesquisas na área de educação musical.

2.2 O que dizem os documentos oficiais

A Lei nº 11.769, de agosto de 2008, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) — nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 — e torna obrigatório o ensino de música no ensino fundamental e médio (educação básica). Na LDB, a música era conteúdo optativo na rede de ensino, a cargo do planejamento pedagógico das secretarias estaduais e municipais de educação. No ensino geral de artes, a escola poderia oferecer artes visuais, música, teatro e dança.

Com a alteração da LDB, a música passa a ser o único conteúdo obrigatório dentre o ensino das artes visuais, teatro e dança, mas não se torna exclusivo, ou seja, o planejamento pedagógico deve contemplar também outras áreas artísticas. Mesmo o ensino da música se tornando obrigatório com a criação da Lei nº 11.769, de agosto de 2008, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil já sinalizava, em suas propostas, o desenvolvimento da linguagem musical para as crianças pequenas.

O RECNEI (1998) aponta um fazer pedagógico para a faixa etária de zero a seis anos que vise “a contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural” (RECNEI, CARTA DO MINISTRO, v. 1, 2 e 3, 1998).

Quanto à área de música, o RECNEI esboça uma proposta específica, bastante detalhada, que apresenta a música como linguagem e objeto de conhecimento e traz questões consideradas prioritárias e fundamentais. O mesmo propõe o trabalho com música de modo a propiciar às crianças a perspectiva de presenciar e refletir sobre questões musicais, exercitando a expressividade, desenvolvendo habilidades como a formulação de hipóteses e a construção de conceitos.

Segundo o RECNEI, a linguagem musical tem sua própria composição, devendo ser respeitada em sua estrutura e trabalhada a partir de três vertentes: **produção**, que se caracteriza pela experimentação e imitação, tendo como artefato a interpretação, improvisação e composição; **apreciação**, que compreende a apreensão dos sons e silêncios, sua construção e composição musical, procurando ampliar o prazer da escuta, observando, analisando e

reconhecendo e, por fim, a **reflexão** sobre questões referentes à organização, criação, produtos e produtores musicais (BRASIL, 1998, v. 3, p. 48).

Para que possibilite a apreciação e produções musicais, o educador deve proporcionar às crianças atividades desde os primeiros anos de vida, por meio da imitação de vozes de animais, ruídos, sons corporais, palmas, batidas dos pés, por brinquedos cantados rítmicos, cantigas de ninar, rodas e cirandas, entre outras, e através de vivências com as quais a criança possa ouvir e cantar. Deve-se pensar em uma educação musical, uma educação pela música de uma maneira em que o jogo de exploração e discriminação sonora não seja fragmentado, mas que exista uma contextualização às realidades da criança, do professor e da escola.

Diante do exposto, o documento propõe que o trabalho com crianças de zero a três anos deva permitir o desenvolvimento de habilidades como ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais, por meio de brincadeiras com a música, imitando, inventando e reproduzindo criações musicais. Para o ensino das crianças de quatro a seis anos, o objetivo é explorar e identificar elementos musicais para se manifestar, interagir com os demais, ampliar assim o seu conhecimento do mundo, como também perceber e expandir sensações, sentimentos e pensamentos.

Traçados os objetivos, o RECNEI lança os conteúdos que antes de tudo deverão respeitar cada fase da criança, seu nível de percepção e sua diferença sociocultural. Os conteúdos estão organizados em duas sessões: **O fazer musical**, onde a criança se comunica e se expressa por meio da improvisação, da composição e da interpretação e **Apreciação** que se reporta à audição e interação de músicas diversas, quando as crianças deverão ser estimuladas a terem o prazer em ouvir música e de vivenciá-las. (BRASIL, 1998, v. 3, p.57 e 63).

O RECNEI deve ser entendido como uma proposta aberta, flexível e não obrigatória, que visa à estruturação de propostas educacionais adequadas à especificidade de cada criança e região do país.

Lançando um olhar mais detalhado sobre as proposta de ensino nas escolas da rede municipal de Recife, encontramos a Proposta Pedagógica Construindo Competências (2002). Este documento se caracteriza como um aporte à reflexão e à conduta do professor acerca do processo avaliativo e da construção do registro de acompanhamento das aprendizagens e do desenvolvimento do aluno, tendo como diretrizes as competências definidas para o trajeto. O mesmo reconhece que:

O processo de musicalização ou iniciação musical na escola deve ser vivenciado a partir da Educação Infantil, pois visa favorecer o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura e à produção

sonora/musical, análise e reflexão sócio-cultural e estética dos bens musicais, como também à construção de conhecimentos sobre seus códigos, elementos da criação musical, vida e obras dos compositores e poetas e ao desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização das formas de expressão em diferentes culturas, épocas e contextos. (Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Recife – construindo competências 2002 p.25).

2.3 A música e o desenvolvimento infantil

2.3.1 “A música toca a criança”

Inicialmente, é importante ressaltar que o conceito de desenvolvimento infantil defendido neste estudo não se restringe unicamente ao desenvolvimento cognitivo, ou seja, aquele que diz respeito ao aprendizado intelectual e que historicamente é tão valorizado em nossa sociedade tecnicista e competitiva.

Consideramos que o desenvolvimento de uma criança está muito além apenas de seus aspectos físicos ou intelectuais. Desta forma, optamos por trabalhar a ideia de desenvolvimento infantil a partir de uma abordagem mais ampla, abarcando também seus aspectos de evolução social e afetiva, sem deixar de lado, obviamente, o aspecto cognitivo.

Do ponto de vista pedagógico, as músicas são consideradas completas: brincando com músicas, as crianças exercitam naturalmente o seu corpo, desenvolvem o raciocínio e a memória. “Poesia, música e dança unem-se em uma síntese de elementos imprescindíveis à educação global” (MELO, 1985, p. 35). Neste sentido, Snyders (1992) cita que a escola não pode abrir mão dessa linguagem na vida de seus alunos.

Traremos a seguir elementos que caracterizam a importância da música no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças.

Para Weigel (1988) e Barreto (2000), a música tem grande influência no desenvolvimento, pois a fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual.

Dessa forma, as experiências rítmicas musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons, a criança desenvolve sua sensibilidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar, ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons, ela está descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive.

Estudos que buscam compreender a contribuição da música no desenvolvimento das crianças no aspecto cognitivo são o do cientista búlgaro Losavov (apud OSTRANDER e

SCHOEDER, 1978), o qual identificou que a música pode estimular a absorção de informações, isto é, a aprendizagem. O mesmo desenvolveu uma pesquisa na qual observou grupos de crianças em situação de aprendizagem, e a um deles foi oferecida música clássica, em andamento lento, enquanto estavam tendo aulas. O resultado foi uma grande diferença, favorável ao grupo que ouviu a música. A explicação do pesquisador é que, ouvindo música clássica, lenta, a pessoa passa do nível alfa (alerta) para o nível beta (relaxados, mas atentos); baixando a ciclagem cerebral e aumentando as atividades dos neurônios, as sinapses tornam-se mais rápidas, facilitando a concentração e a aprendizagem.

Ainda na mesma linha do desenvolvimento cognitivo encontramos os estudos que apontam a proximidade entre a música e o raciocínio lógico-matemático. Segundo Schaw, Irvine e Rauscher (apud CAVALCANTE, 2004), pesquisadores da Universidade de Wisconsin, alunos que receberam aulas de música apresentavam resultados de 15 a 41% superiores em testes de proporções e frações do que os de outras crianças.

Acreditamos que os estudos citados anteriormente tenham sua importância, contudo, entendemos que o grande diferencial e contribuição da música no contexto do desenvolvimento infantil se dá no aspectos social e afetivo.

Sobre estes aspectos, é discutido que a criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os iguais. Nesse processo, a autoestima e a autorrealização desempenham um papel muito importante. Através do desenvolvimento da autoestima, a criança aprende a se aceitar como é, com suas capacidades e limitações.

Assim sendo, as atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação, ampliando o conceito de grupo construído pela criança. A música também é importante do ponto de vista da maturação social, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação.

Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e autorrealização.

Numa pesquisa realizada na Universidade de Toronto, Sandra Trehub (apud CAVALCANTE, 2004) comprovou algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, as crianças ficam mais alertas.

Outros estudos que trazem importantes contribuições para nossa temática e ampliam o nosso olhar para o fazer musical na sala de aula considerando a música como linguagem, são os trabalhos de Nogueira (2004) e Brito (2003). Estas autoras defendem a consolidação do debate no sentido de construir canais que efetivamente possam resultar em propostas concretas e viáveis para a inserção da linguagem musical nos espaços de Educação Infantil, não em momentos fragmentados e estanques, mas presentes no cotidiano destas crianças, como mais uma de suas inúmeras formas de expressão.

Segundo Nogueira (2011), o objetivo primordial da educação musical na infância é formar bons ouvintes, bons apreciadores de música. É contribuir para que esses pequenos cidadãos possam usufruir de todo um patrimônio musical produzido pela humanidade ao longo dos tempos. E para que isso ocorra é extremamente necessário que o educador infantil veja a música como uma linguagem primordial, que deve fazer parte do dia a dia de seus alunos, priorizando as atividades de produção e apreciação musical ativa.

Brito (2004) considera a linguagem musical como uma forma de expressão e comunicação, que se realiza por meio da apreciação e do fazer musical, tendo como características: o caráter lúdico, ressaltando que a música é um jogo de relações entre som e silêncio; a existência de diferentes sistemas de composição musical; que o ruído pode ser, também, material musical e que a ideia musical é autônoma.

Desta forma, a linguagem musical tem sido apontada como uma das áreas de conhecimento necessárias para ser trabalhada na Educação Infantil, ao lado da linguagem oral e escrita, do movimento, das artes visuais, da linguagem matemática e das ciências humanas e naturais.

3. Metodologia

3.1 Conhecendo a “orquestra”

A expectativa de ver a música acontecer em sala de aula de modo efetivo, significativo e consciente de seu valor educativo no processo de composição dos sujeitos, e, em especial, no nível da educação infantil (EI), motivou-nos a realizar esta pesquisa, que teve como objetivo investigar boas práticas no trabalho com a linguagem Musical na EI, buscando identificar as estratégias utilizadas pela professora na construção da linguagem musical com as crianças, bem como caracterizar essas práticas, utilizando como aporte teórico as propostas do RECNEI.

Para a realização deste estudo usamos a abordagem qualitativa, uma vez que esta nos possibilita descrever os dados coletados mediante o contato direto e interativo com o objeto de estudo. Desse modo, realizamos um estudo de caso que, de acordo com Ludke (1986), é quando se pretende estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo.

A professora pesquisada foi selecionada a partir da sua participação no projeto de extensão (já mencionado na introdução deste trabalho), pois identificamos que a mesma desenvolvia um trabalho com linguagem musical de forma diferenciada, norteadas suas práticas a partir da proposta do RECNEI.

A professora observada atua na rede pública de ensino, no turno vespertino em uma escola situada no centro da cidade do Recife. Ela está à frente da turma do grupo três (crianças na faixa etária de três a quatro anos de idade), na qual estão matriculadas vinte crianças, mas diariamente frequentam entre treze e quinze alunos. Na sala observada, atuam ainda mais três profissionais que são: uma auxiliar de sala de aula e duas acompanhantes de crianças com necessidades especiais (autismo e paralisia cerebral).

A docente é formada em pedagogia e possui especialização em educação infantil. Trabalha na educação há vinte e cinco anos, sendo dezesseis na EI. A mesma considera a música como importante na formação do educador e cita que a sua relação com a música teve início desde pequena.

Para investigar como a educadora trabalhava a linguagem musical com as crianças no contexto escolar, optou-se por observar a prática pedagógica cotidiana. Foram realizadas cinco observações, totalizando vinte horas, onde objetivamos descrever as situações vivenciadas em sala, bem como identificar as estratégias e os recursos utilizados por ela, no que concerne a linguagem musical.

Foi também realizada uma entrevista semiestruturada no término das observações, para que as perguntas não influenciassem a prática da professora, haja vista que as mesmas trariam indícios do objetivo da pesquisa. Optamos por este tipo de entrevista, pois a mesma é composta de perguntas abertas e fechadas, sem perder o foco do tema proposto, possibilitando uma maior flexibilidade nos questionamentos.

A entrevista teve a finalidade de conhecer sua formação e atuação profissional, bem como suas concepções sobre o trabalho com a música, sua prática na educação infantil e a organização da escola no que se refere ao trabalho com essa linguagem.

4. Análise dos dados

4.1 “O que pensa a regente...”

A identificação de um trabalho na Educação Infantil que contemplasse a proposta do RECNEI com relação à linguagem musical, como exposto anteriormente, não foi uma tarefa fácil. De fato, observamos que a linguagem musical ainda é pouco conhecida pelos educadores, o que comprova uma limitação do seu conteúdo em sala de aula.

Segundo Nogueira (2002), ao se analisar as práticas musicais presentes nas creches e pré-escolas brasileiras, percebe-se que o trabalho pedagógico na área de música encontra-se bastante defasado em relação a outras áreas do conhecimento, as quais, em sua grande parte, já apontam para uma concepção de educação infantil mais crítica e transformadora.

Através da entrevista identificamos que muito do conhecimento que a professora participante da pesquisa tem sobre a linguagem musical se deu através de um curso de capacitação oferecido pela prefeitura do Recife, no qual, dentre várias temáticas oferecidas, a educadora escolheu a música como objeto de estudo. Segundo a professora, este curso teve as seguintes propostas:

“[...] na formação da prefeitura de música, eles ensinaram novas músicas, sem ficar naquela do pintinho amarelinho de sempre, então levou outras músicas, aí a gente gravou um cd até pra não esquecer a melodia da música, ela (oficineira) também trabalhou como pegar a sucata e fazer algum material musical e fazer com as crianças, né. E depois a gente teve outra mais elaborada que era uma pessoa do conservatório pernambucano e ele foi trazendo músicas de outros folclores, de outros lugares assim... danças que podiam ser feitas, trabalhos que podem ser feitos com as crianças em torno da música, então aí trago algumas coisas que pode ser feito em sala de aula.” (sic)

Segundo o RECNEI integrar a música à educação infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando-se que a maioria dos professores de educação infantil não tem uma formação específica em música, sugere-se, no documento, que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de: sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói; entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios (p.63).

As propostas relatadas pela professora no curso de formação da Prefeitura do Recife estão presentes tanto no seu discurso, quanto na sua prática em sala de aula. Questionada se existe uma concepção específica de música, por parte da escola, que oriente os professores em suas práticas musicais no cotidiano escolar, a mesma coloca:

“A gente evita essas músicas que tenham assim esse cunho pejorativo, que não tenha qualidade essas coisas que não diz nada, a gente evita dentro da escola. Tenta resgatar muito as músicas de roda, músicas do folclore nordestino e as épocas juninas, natalinas..., assim procura trazer pessoas pra cantar poesias cantadas, apresentação de instrumento, apresentação de coral, sempre que a gente tem uma pessoa que se disponha para vir né, o que a gente puder cumprir mesmo, por que aqui tudo é free, a gente traz”. (sic)

Neste relato identificamos um comprometimento da escola, professores e gestores, em buscar um diferencial no trabalho com a música no âmbito escolar, permitindo que os conteúdos relativos à linguagem musical sejam trabalhados em situações expressivas e significativas para a criança.

Sobre a avaliação do trabalho em relação às práticas musicais desenvolvidas no cotidiano escolar, a professora coloca:

“Aqui eu sei que tem qualidade, por que a gente tá sempre ligada e não usa só... vamos dizer usar uma música só... usar aquela musiquinha da páscoa, o coelhinho aquela ideia não. A gente tenta trazer outras coisas, tenta trabalhar o sentimento, a gente não fica só ligada a temas comemorativos, aquelas musiquinhas de sempre... e nem usa a música simplesmente pra aprender, vamos dizer assim... a música no pedagógico no sentido assim de que você quer ensinar até dez então vamos cantar uma musiquinha que conte até dez ta entendendo? Não! A musica é o lúdico, a música é a sensibilização...” (sic)

Ao trazer esta ideia a professora demonstra que de fato entende a música como uma linguagem, e que esta se traduz em formas sonoras capazes de expressar e transmitir sensações, pensamentos e sentimentos, não podendo, assim, ter seu trabalho reduzido à formação de hábitos, atitudes e comportamentos, ou a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo nem a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc...

Ainda nesta fala, foi possível evidenciar que a professora compreende a relação entre música e o desenvolvimento infantil em sua complexidade de aspectos, sem restringir sua utilização aos aspectos cognitivos, priorizando os aspectos social e afetivo.

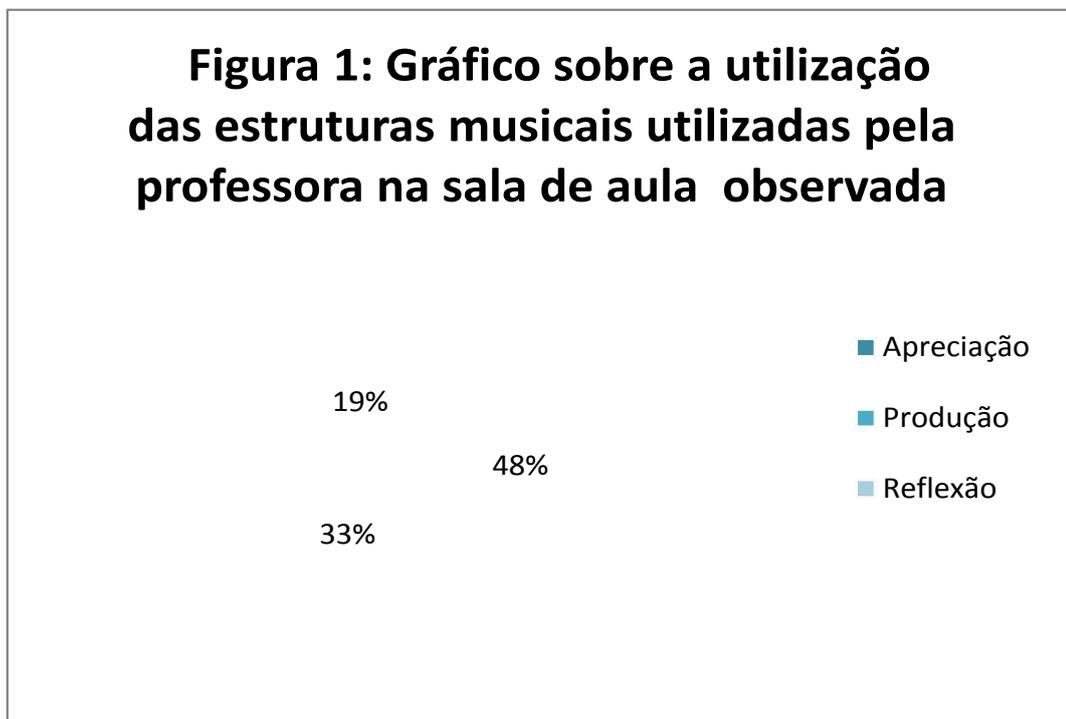
4.2 Estratégias utilizadas pela professora

4.2.1 “Apreciando a orquestra”

O ato de observar nos possibilitou conhecer as posturas, situações e circunstâncias nas quais as práticas musicais eram desenvolvidas e, ainda, acompanhar atividades propostas, fatos e diálogos estabelecidos entre a professora e as crianças.

Tivemos a possibilidade, durante essas observações, de conhecer a prática pedagógica de música em termos de conteúdos, repertório, estratégias de ensino, materiais e recursos didático-musicais bem como a participação das crianças nas atividades.

Identificamos que o trabalho desenvolvido pela professora, de uma maneira geral, contempla as três vertentes propostas pelo RECNEI que são: a produção, reflexão e apreciação. (Figura 1)



A partir das observações pudemos verificar que a professora pesquisada permite que as crianças apreciem a música e possibilita, durante as atividades lúdicas e em brincadeiras dentro da sala e no parquinho, a produção musical.

Durante a atividade “contação de história”, realizada pela professora, foram observados diferentes sons e intensidades nas vozes dos personagens, vozes de animais e ações como, por exemplo, ruídos, sons corporais, palmas, batidas dos pés. Isso nos mostra o cuidado em levar para as crianças diferentes sons que existem, o que cada um pode nos dizer, ampliando o repertório sonoro infantil. Essa possibilidade de produzir sons durante a contação de história se torna uma atividade que estimula e aguça o gosto pela linguagem musical.

Observamos que as crianças demonstram prazer e alegria nas atividades de brincadeira de roda e a professora explora a socialização e o trabalho com diferentes músicas e ritmos. As

crianças interagem com a professora e com a música de forma espontânea e interessam-se pelos movimentos apresentados pela professora.

Nesse sentido, podemos relacionar esse trabalho apresentado pela professora com a Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Recife- Construindo Competências (2002) quando a mesma nos diz que:

É fazendo música, individual e coletivamente, criando sons, interpretando obras, escutando e conhecendo diversos gêneros musicais de várias épocas, culturas e compositores, que o aluno vai construindo, também, a sua identidade musical e o sentido de grupo. Então, o trabalho com musicalização e iniciação musical é um caminhar pela linguagem dos sons que podem ser percebidos na ambiência natural e cultural e produzidos por meio da exploração de objetos sonoros e/ou instrumentos musicais convencionais e não convencionais industrializados e/ou confeccionados pelo aluno. (p. 26).

Em uma das atividades observadas a professora tenta uma interação ritmada com o bater das mãos, dizendo “agora vamos cantar batendo palmas, só pode bater quando estiver cantando”. Empolgada com o entusiasmo das crianças, ela vai até o armário e retira clavas (espécie de pilão cilíndrico, que produz sons ao se chocar com outra clava ou qualquer extremidade sólida) distribuindo duas para todas as crianças.

As crianças esperam o comando inicial da professora, mas já compreendem que a palavra forte da música é o momento de bater as clavas, assim como inicialmente fizeram com as mãos, e foram buscando o ritmo da canção, através das batidas. A professora dizia, “cada música diz a maneira de bater”. Essa maneira de bater, explicada ela docente, simboliza a intensidade e a duração das batidas. Então, ela continua, “a gente tem que perceber dentro da gente o momento de bater, com certeza cada um vai saber”.

No início, as crianças começam a bater cada uma a seu modo, porém com a repetição e percepção ritmadas conduzidas pela professora, as crianças iniciam uma sincronia e começam a bater de maneira mais harmônica. As crianças utilizam o chão, orientadas pela professora, e a mesma diz “ok, vocês estão legais no batuque”.

A professora conduz as canções, no entanto chega um momento em que as crianças escolhem o repertório cantando e tocando com as clavas. Segundo o RECNEI:

São importantes as situações nas quais se ofereçam instrumentos musicais e objetos sonoros para que as crianças possam explorá-los,

imitar gestos motores que observam, percebendo as possibilidades sonoras resultantes. (BRASIL, 1998, v. 3, p. 59).

Durante essa mesma atividade relatada anteriormente, a professora propõe um exercício de atenção e socialização com as crianças, usando como suporte pedagógico a música e as clavas tocadas. Uma das músicas cantadas pela professora tinha como comando bater a clava assim que a criança ouvisse seu nome; a cada nome uma batida, e, assim, foram ditos pela professora os nomes das crianças presentes e ausentes. Para a Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Recife – construindo competências (2002):

Trabalhar com a linguagem musical pode ser bastante gratificante para o aluno e o professor, proporcionando momentos de aprendizagem, prazer, alegria, socialização, respeito e cooperação. Enfim, é possível desfrutar do prazer da vivência musical com magia e encantamento. (p. 26).

Em um dos momentos de recreação das crianças, tivemos acesso ao caderno de planejamento da professora dos meses de Março/Abril (2013), quando ela trabalhou a construção de chocalhos com diferentes tipos de material como, por exemplo, grãos (feijão, arroz, milho) e papel picado colorido. Esse material, em especial, foi pensado na inclusão da criança autista na atividade, pois tal aluno adora cores e seus movimentos. Além disso, a atividade pôde oferecer diversos sons que cada material proporciona inclusive um som baixinho dos papéis caindo em recipientes de garrafa pet.

Houve um momento durante esse planejamento em que as crianças foram para o parque e procuraram pedrinhas para construir os chocalhos. Foi então que a professora trabalhou o que cabe e o que não cabe na garrafa e no final desse projeto em sala, as crianças experimentaram os diversos tipos de sons que cada material fazia e descobriram a intensidade e duração (alto, baixo, fraco, forte) daqueles materiais.

Segundo a professora “foi um momento de descoberta muito provocante e agradável para elas. As crianças puderam trabalhar e descobrir diversos materiais, pensando em suas possibilidades em diferentes formas de utilizá-lo”.

Assim como o RECNEI a Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Recife – construindo competências (2002) nos diz que:

Perceber e reconhecer de forma contextualizada os parâmetros do som (altura, intensidade, duração, timbre e densidade); os elementos básicos da música (melodia, ritmo e harmonia) bem como, os gêneros e estilos nas produções musicais... Elaborar e construir brinquedos

sonoros e/ou instrumentos musicais convencionais e/ou não convencionais, a partir da pesquisa de diversos materiais, recursos e da articulação com os conhecimentos básicos da linguagem. p. 26.

No terceiro dia de observação, a professora abordou a temática que englobava a festividade junina da escola que era a o reconhecimento da vida e obra do autor Ariano Suassuna. Os alunos do grupo 3 ficaram incumbidos de apresentar uma ciranda, a Ciranda da Pedra do Reino, obra do referido autor.

A intenção dessa atividade é a apreciação da música, bem como o conhecimento da mesma pelas crianças para a dança na festividade junina, de uma maneira ouvindo por ouvir, pelo simples fato de sentir a melodia, de conhecer a canção. Mesmo sendo uma música tocada (instrumental), as crianças prestam atenção nos movimentos (vídeo da música retirada da minissérie apresentada na globo) e tentam reproduzi-los, porém houve algumas dispersões que nos pareceram naturais, típicas de crianças pequenas.

Enquanto esperavam pelo toque que anuncia o início do recreio, a educadora pediu para que as crianças observassem os sons que viam de fora da sala, os sons que elas estavam escutando, como por exemplo, os sons dos carros, buzinas dos ônibus, os sons dos passarinhos.

Podemos perceber a iniciativa da educadora em proporcionar as crianças à identificação e descoberta dos sons sem estarem visualizando o objeto sonoro, assim como a relação som e silêncio, pois um dos seus comandos foi: *“não quero que vocês imitem, quero que vocês escutem”*. Esse momento se torna interessante visto que a imitação é uma ação típica desse momento e do desenvolvimento das crianças pequenas. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil nos diz que:

O fazer musical requer atitudes de concentração e envolvimento com as atividades propostas, posturas que devem estar presentes durante todo o processo educativo, em suas diferentes fases. Entender que fazer música implica organizar e relacionar expressivamente sons e silêncios de acordo com princípios de ordem é questão fundamental a ser trabalhada desde o início. Nesse sentido, deve-se distinguir entre barulho, que é uma interferência desorganizada que incomoda, e música, que é uma interferência intencional que organiza som e silêncio e que comunica. A presença do silêncio como elemento complementar ao som é essencial à organização musical. O silêncio valoriza o som, cria expectativa e é, também, música. Deve ser experimentado em diferentes situações e contextos. (BRASIL, 1998, v. 3, p. 60).

Por fim, durante as observações percebemos o cuidado da educadora no processo de musicalização em sala de aula através do planejamento das atividades cotidianas, dos projetos desenvolvidos, enfim, na sua prática ensino.

5. Conclusão

5.1 “Resumo da Ópera”

Como já visto, a linguagem musical é fonte de cultura, aprendizagens, lazer, prazer, arte, bem como um importante elemento para o desenvolvimento infantil nos seus mais diversos aspectos.

No entanto, encontrar uma prática e conseqüentemente um educador que atuasse de forma a contemplar a música como linguagem foi uma tarefa árdua, fato esse que nos fez refletir sobre as lacunas existentes na formação dos professores, no que confere a linguagem musical. Sobre esta questão Nogueira (2002) coloca:

Ainda existe pouco espaço dedicado às linguagens artísticas, em particular a música, na formação dos educadores infantis, o que se faz visível nas grades curriculares dos cursos de Pedagogia em boa parte do país. (p.11)

Neste estudo foi possível identificar com clareza como a linguagem musical quando trabalhada de forma mais ampla na sala de aula se constitui como um instrumento que explora a ludicidade, a socialização e a afetividade das crianças, em especial nas crianças com necessidades especiais, pois evidenciamos que os poucos momentos de integração de uma criança autista com o restante do grupo foi quando a música de alguma forma estava presente.

Sendo assim, é necessário que os cursos de formação de professores ofereçam uma base mais sólida e ampla, possibilitando a estes profissionais, compreender o universo infantil, universo sonoro-musical, suas possibilidades de expressão e produção pelas crianças, afim de que as práticas relacionadas à linguagem musical possam estar cada vez mais inseridas e vivenciadas na sala de aula, de modo a contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

Evidenciamos esta afirmação muito claramente na prática pedagógica da professora que foi objeto da nossa pesquisa, pois embora a mesma não tenha recebido em sua graduação uma formação que contemplasse a música, ela buscou novos conhecimentos através do estudo do RECNEI e capacitações na área.

Durante nossa observação e análise verificamos que a educadora segue uma rotina diária, no entanto, ela traz elementos diferenciados, com relação à linguagem musical. A mesma apresenta maneiras diversificadas, com reflexões, apreciações e construções de instrumentos sonoros. Em nossas análises verificamos que a professora observada permite que as crianças apreciem a música e possibilita, durante as atividades lúdicas e em brincadeiras dentro e fora da sala, a produção musical. Permitindo que os conteúdos relativos à linguagem musical sejam trabalhados em situações expressivas e significativas para a criança.

Por fim, embora esta pesquisa tenha se constituído como uma pequena iniciativa neste carente campo de estudos, esperamos que a mesma tenha contribuído para promover uma inquietação e reflexão na busca pela construção de propostas concretas e viáveis para a inserção da linguagem musical nos espaços de Educação Infantil.

Para tanto é imprescindível que se rompam barreiras e se delineiem novos contextos a fim de se consolidar um ambiente educativo que vise desconstruir ações mecânicas e desprovidas de significados para a criança, onde a música é utilizada apenas em momentos fragmentados e estanques.

Referências

BARRETO, Sidirley de Jesus. *Psicomotricidade: educação e reeducação*. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BRASIL. LDB (1996). Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em < <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>>. Acesso em 28 Mar. 2013.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC / Secretaria de Ensino Fundamental, 1998. (vol.3). BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral das crianças*. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CAVALCANTE, R. Música na cabeça. Disponível em: <www.habro.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2013.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- GOHN, Maria da Glória; Stavracas, Isa. *O Papel da Música na Educação Infantil* *Eccos Revista Científica*, vol. 12, núm. 2, julho-diciembre, 2010, p. 85-103 Universidade Nove de Julho São Paulo, Brasil.
- KRAMER, Sônia e LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998.
- LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore Infantil*. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, MG, 1985.
- NOGUEIRA, M. A. *Música e Educação Infantil: possibilidades de trabalho na perspectiva de uma pedagogia da infância*. Goiás: UFMG/ ANPEd, 2002.
- NOGUEIRA, M. A. *A expressão musical e a criança de zero a cinco anos*. Caderno de formação: didática dos conteúdos de formação de professores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 109-120.
- OSTRANDER, L.; SCHOEDER, L. *Super-aprendizagem pela sugestologia*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- RECIFE. Prefeitura da Cidade. Secretaria de Educação. *Proposta pedagogia da rede municipal de ensino: construindo competências*. Recife, PE, 2002. Versão preliminar, p. 25-27.
- SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- STAVRACAS, Isa. *O Papel da Música na Educação Infantil*. Tese de Mestrado em Educação pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE – São Paulo/Brasil; Licenciatura Plena para Educação Infantil em Series Iniciais do Ensino Fundamental -FEUSP, 2008.
- WEIGEL, A.M.G. *Brincando de Música: experiências com sons ritmos, música e movimentos na pré-escola*. Porto Alegre: Kuarup, 1988.